

## DO ORGANISMO SOCIAL



Perquirindo outra ordem de problemas juridico-sociaes, exclama, com fina ironia, Georgio George, em referencia aos sociologos naturalistas :

*Studiamo poesia greca o sciensa social?*

Ante a rutila diffusão de tantos orgãos auctorizados no thema que epigrapha estas linhas, tambem hesitamos entre o saber se a these prende-se antes á formosa arte lyrica do genio hellenico ou se, na verdade, constitue objecto de doutrina.

Nem isolado se acha o conceito de George. De mero mysticismo qualifica Limousin a theoria organica — por derivar da crença em uma relação secreta inexplicavel e inexplicada, entre duas sciencias differentes, ou sejam duas ordens de phenomenos. Além disso, procede o seu fundamento de uma dupla analogia : analogia entre o organismo do corpo humano e a organização da sociedade, analogia entre as funcções desempenhadas pelas cellulas no ser humano e as que os homens exercem na sociedade.

Nesse parallelismo infrangivel radica-se a commum origem dos phenomenos biologicos e sociologicos e, sem tal processo de assimilação, exhaure-se a possibilidade da sociologia.

Não é, porém, incidir em erro trivial, condemnado á sociedade, pelo naturalismo, — o de preterir-se ao fiscalizado methodo *à posteriori* o inverificavel *à priori*?

Ha de constringir-se a desinteressada pesquisa da verdade dentro dos moldes acanhados de um methodo, susceptivel de occasionar desvios graves ?

Certo, o instrumento analogico, assim imposto como irremovivel vehiculo de especulações scientificas, suggere aquella passagem de occultismo, — «a Taboa de Esmeralda» de Hermes de Trimesgite :

«O que está em cima é igual ao que se encontra em baixo» .

E de ontologia em ontologia, aperfeiçoado, mais e mais, o conhecidissimo apologo de Menenius Agrippa, não attingir-se-ia o maximo ideal de encantador mysticismo mythologico — as nações representadas quaes seres de carne e osso, damas bellissimas revestidas de couraça e empunhando espadas, á semelhança dos grandiosos rios de Homero, que fallavam e rugiam de cólera, ou de todas as lendas antigas que lhes davão, a ellas, corpo, alma e vida ?

## I

A theoria organica ou o organicismo domina, já hoje, graças ao apaixonado requisitorio de seus partidarios, em grande extensão do pensamento moderno.

De sua noção basta, por isso, fixar, em lineamentos geraes, o que o mais pertinaz systematisador da escola suscita.

Firma-se a concepção fundamental em que todos os actos e phenomenos sociaes têm um mesmo ponto de partida : a vida. E' ella a caracteristica dos factos que se passam na intimidade do individuo, assumindo outra animação e complexidade no mundo social. A structura, o funcionamento, a evolução dos seres collectivos, subordinam-se ás mesmas leis que regem a structura, funcionamento e evolução dos seres isolados.

Compõe-se a sociedade de individuos, como estes de cellulas; taes são as unidades economica, social, juridica e politica, cumprindo attribuir-se a qualidade de cellula ao ser individual e não á familia.

De outra parte, os modos de agrupamento das cellulas tambem refluem nas sociaes: a *embryologica*, pela origem; a *topographica*, relativa á região; a *funccional*, por órgão; a *homoplastica*, por tecido.

A principio, familias e tribus, depois, cidades e nações, subseguindo-se a differenciação profissional em órgãos de vida economica, intellectual e politica, surgindo, emfim, unidades novas, fundadas em affinidades electivas, em sympathias de ordem mental.

Egual analogia quanto ao funcionamento: a nutrição se faz pelos phenomenos economicos, — a producção, circulação, repartição e consummação de riquezas: a reproducção — organica, pela colonisação, e sexual, pela fusão de dois grupos ethnicos —; os phenomenos de relação comprehendem o complexo dos phenomenos juridicos e politicos; ha, portanto, a physiologia e anatomia social.

Deparam-se-nos ainda outros aspectos: a taxinomia, a teratologia, a therapeutica e hygiene social preventiva. D'ahi, o classificarem-se as sociedades conforme as suas affinidades funcionaes e structuraes.

A pathologia social, de que Lilienfield se mostra nobre e amestrado campeão, encontra, por igual, farta mésse: perturbações de certa ordem são muito de temer-se; individuos de consideravel opulencia ao lado de miseraveis que morrem de fome; a infecção parasitaria, a degenerescencia histologica — a sclerificação: — emfim, esses e outros phenomenos realisam-se nas sociedades, como nos organismos, sujeitos uns e outros á regressão.

De onde se infere a necessidade da therapeutica social. Chimerico em extremo tentar pôr cõbro aos males sociaes, graças a uma unica panacéa universal: o mundo social, por muito complexo, elimina a intervenção de um só agente para curar o seu soffrer. Assim, nem a instrucção, nem a revivescencia religiosa, nem a melhoria dos codigos ou a restauração da propriedade collectiva dará cabo das vicissitudes contemporaneas da sociedade: a cada uma das enfermidades, um remedio especifico para o que, em muito, contribue a hygiene social preventiva.

Ao lado dessas deducções, René Worms consagra duas reservas necessarias: a de não proclamar a identidade absoluta da sociedade e organismo, estabelecendo, apenas, analogias, semelhanças fundamentaes, e a de não se dar o organicismo como methodo exclusivo: o direito de propriedade e de successão, por exemplo, prendem-se a factos de ordem vital, mas devem ser tratados sob considerações de ordem puramente sociologica.

Nesse systema incrusta Fouillée a theoria do *organismo-contractual*, enlaçando, na esphera da sociologia, a sua these de consciencia e liberdade moral, expurgadas do mecanicismo peculiar aos phenomenos de ordem vital.

Outros sociologistas ampliam desenvolvidamente a seára da theoria organica: têm as sociedades como organismos, dotados de todos os seus elementos proprios, em completa e absoluta identidade aos organismos humanos.

Será, então, refére Lilienfield, um organismo pluricelular, real e concreto, formado de dois factores — um systema nervoso e uma substancia intercellular.

Spencer, um dos primeiros adeptos da nova orientação, deteve-se a meio do caminho; das indicadas analogias, acceitou sómente as concernentes ás relações que prendem as partes ao conjuncto da vida organica e social; não in-

corporou á doutrina, nem o *systema nervoso*, nem a substancia inter-cellular sociaes.

Vê-se, em substancia, que duas sub-escolas se mantêm: *a*) a dos que propugnam ainda pela homologia absoluta entre os organismos e a sociedade (Lilienfield, Schæffle, Novicow, etc.); *b*) a da simples analogia (Spencer, Huxley, Worms, Fouillée, etc.)

Nem novidade recente se deverá reputar o methodo organicista. Por metaphoras inicia-se a sua genese mais rudimentar: assim, Pythagoras, pela theoria do macrocosmo e microcosmo, define o mundo um homem gigante, todo poderoso, um ser vivo; Platão denomina o Estado—um homem immenso; em Aristoteles, a metaphora ganhou valor como seductora e poderosa analogia, tornando-se o Estado um organismo.

Mais tarde, La Mettrie e Descartes cream o homem-machina, e o mundo-machina, e Pascal, a seu turno, escreve: «toda a serie de homens, durante o curso de tantos seculos, deve-se ter como um mesmo homem que persevera para todo o sempre». Turgot observa que todas as edades se encadeam por uma serie de causas e de effectos que ligão o estado do mundo aos que o precedem; os signos multiplicados da linguagam e da escriptura, fornecendo aos homens o meio de assegurarem-se da posse de suas idéas e communical-as aos demais, formaram de todos os conhecimentos particulares um thesouro common que uma geração transmite á outra, enriquecida das descobertas de cada época; o genero humano, analysado desde a sua origem, assemelha-se a um todo immenso, tendo tambem sua infancia e seus progressos.

Ainda Carlos Fourier baseou o seu *systema social*, numa concepção cosmologica: as plantas e as constellações, seres vivos, nascendo, evoluendo, morrendo e cumprindo uma funcção no Universo; em cada planeta, uma

humanidade preenchendo função necessária á vida do mesmo planeta, portanto, á vida do Universo. Essa humanidade que Fourier não apresenta claramente como ser, entretanto, a seu ver, tambem nasce, vive, evolve-se e morre: percorre periodos e phases fataes, contribuindo para o realce do astro que habite, de tal arte, que desempenhe este, harmonicamente, seu papel no Universo.

E Augusto Comte, apesar de admittir com extrema restricção a inculcada identidade da sociedade e do organismo— com a religião da Humanidade, a expressão cultural de sua alma, já presa do amor e do mysticismo, não teria sido, acaso, inconsciente precursor?

## II

Parece-nos credora de estudo tão sómente a doutrina exarada em a letra *b* do numero anterior: a de simples analogia.

Será mistér memorar ainda que a exaggeração do organismo social, gerador dos sonhos phantasticos de Rousseau e Hobbes, deu em resultado ser posto á margem pelos sociologistas modernos?

Por muito querer *biologisar* a sociologia, comprometteu a causa, em que realça-se, de modo notavel, o parecer de Leroy Beaulieu, Jourdain e G. Vidal.

Contra, porém, essa e a outra solução, vivissima campanha promove o lucido espirito de Tarde.

Duas preliminares se impõem: qual a necessidade scientifica da theoria? qual a sua noção, o seu rudimentar conceito?

No tocante à primeira, releva salientar que sociologistas de nota têm erigido monumentos de subsistencia e valor seculares, ignorando, de todo, a theoria organica: nem um progresso da sciencia social se conhece devido á essa comparação.

Consideraveis alicerces da sciencia firmaram-se, taes como as leis economicas de Adão Smith, a dos tres estados de Saint-Simon e Comte; no dominio da linguistica, as de Grimm e Raynouard; a da origem da familia primitiva de Morgan e Mac-Lennan, e as de archeologia de direito comparado de Fustel de Coulanges e Sumner Maine, independentemente desse postulado.

Com referencia á segunda, não se accentúa, ao certo, qual a especie de sociedade que se compara ao organismo. Será o Estado? Mas porque excluir a Igreja, de muito maior importancia, maximé na idade-média? E a nacionalidade? Não parece a nacionalidade o ser social por excellencia? Se, todavia, se dér preferencia à nacionalidade, não se poderá alcançar a relação entre um organismo individual e, por exemplo, a nacionalidade allemã ou polaca, fraccionada em tres ou mais estados. A comparação, em consequencia, só se ha de fazer com o Estado: o Estado, porém, é um agregado meramente artificial: se consiste o intuito em naturalisar a humanidade pela theoria organica, temos de, gyrando no mesmo circulo vicioso, retornar á nacionalidade. Essa, já se viu, dá virtualmente como resultado da analogia um absurdo flagrante: onde, pois, gravar o signo essencial da escola?

Demais, ainda o ensino brilhante de Tarde nos convence de que as analogias encontradas não têm alcance, já quanto aos órgãos, ou quanto ás funcções.

Não se divisa o analogo social da symetria das formas, dessa curiosa e estupenda paixão da natureza por uma esthetica precisa, — uma *prosodia tyrannica*. Em todo o espaço avulta, em symetrias esphericas, radiantes, em rimas palpitantes de uma riqueza e variedade infinitas, a concepção architectural da vida — cousa que se não descobre no ser social.

A dualidade sexual, também existente na vegetação e na animalidade, através de todas as distincções de classes e ramificações, existe, porventura, na sociedade ?

Nenhum sociologista tratou ainda do sexo das nações, e quando se diz ter a Italia algo de feminino e a Allemanha de masculino, — não passa o asserto de simples metaphora.

Ainda mais : qual a cellula social ? Worms, na fórma exposta, opina pelo individuo ; querem outros que seja a familia ; para outros, o *clan* ; pugnando ainda alguns pelo par (homem e mulher), havendo mais os que sustentam ser o *trio*, a saber : homem, mulher e criança.

As glandulas, assimiladas, aliás, com justeza, por Spencer, ás corporações, accusam, entretanto, inilludivel divergencia. O ser vivo carece de industria de exportação. A abelha produz o mel para o homem, diz Virgilio, o carneiro, a lã, e a vacca, o leite ; mas, semelhante exportação effectua-se contra a vontade delles. Da mesma sorte, quando a planta fecundada indirectamente pela visita do colibri distilla o nectar que ha de attrahil-o, nem a planta fabrica o seu licor, tomada dessa intenção, nem o insecto vem sorvel-o para solução de uma di-vida.

Ao contrario, no grupo social : os americanos do *Far-West* semeam seus campos immensos para vender o trigo, os parisienses preparam os artigos da moda, afim de envial-os á America.

Differença ainda profunda, a esse respeito, entre o individuo e a sociedade ; o ser vivo concentra-se, isola-se ; o ser social communica-se com os outros, dá-se ao commercio das relações politicas, litterarias, economicas, etc. ; á medida que civilisa-se, abate as suas fronteiras e, num poderoso internacionalismo de idéas, costumes, leis, lin-

guas, artes, fundem, pouco a pouco, todos os povos no mesmo typo social.

Não é inspirado de egual asymetria que Sighele conceituou diversissimas a moral individual e politica ?

A ablação de um orgão importante é tanto menos mortal quanto inferior o organismo, o inverso succede na sociedade: uma horda selvagem não sobrevive a seu chefe; ao contrario, a sociedade franceza ha sido, innumeradas vezes, decapitada de seu governo; a faculdade de regeneração das fabricas, das corporações, das industrias, augmenta-se á proporção que a sociedade se eleva.

Differem do mesmo modo quanto ao processo de crescimento: que ha, na biologia, de comparavel ao imperio inglez, feito de pedaços e pedaços immensos que o oceano separa? da federação das doze tribus que constituiram, depois, Athenas? da Suissa, que radica-se no fundo moral e intellectual de tres vigorosas civilisações ?

Deixão tambem as funcções de encontrar simile na sociedade. Ao que deve corresponder á nutrição? A' producção agricola ou industrial ?

Mas onde descobrir, na sociedade, duas cousas essenciaes á nutrição—a ingestão e a preparação chimica dos alimentos, a assimilação, absolutamente mysteriosa, desses alimentos? Só pelo emprego de metaphoras é que se poderá entender, em tal hypothese, a analogia. Verdadeira nutrição social seria a educação; mas em que aproveitaria isso?

Figura-se a colonisação phenomeno de reproducção. Bem poucas vezes, porém, revela semelhanças fundamentaes com a terra de origem; não raro, pela acção poderosa da imitação internacional, é que os povos se elaboram e se reproduzem.

Na divisão de trabalho viu-se, por muito tempo, analogia perfeita. Mas é outra illusão. Nos organismos ella vae

sempre crescendo até a separação absoluta dos tecidos especializados hereditariamente em sua tarefa exclusiva; nas sociedades, porém, contrapõe-se-lhe a tendencia, mais geral e profunda da vida collectiva — a necessidade de mutua imitação que impelle todas as classes a democratisarem-se em uma mesma civilização commum. No proprio exercito — talvez a fracção de algumas nacionalidades melhor organizada — consiste o progresso menos na differenciação de armas do que na participação dos diversos corpos ao mesmo entusiasmo, á mesma fé, á mesma corrente de heroismo: é, exclama Tarde, a «Batalha de Uhde», de Paul Adam, em que os regimentos de um mesmo corpo do exercito consideram-se, como integrados todos, no general em chefe.

A esse proposito, formula-se a lei: quanto mais os elementos vivos se organisam, mais perdem a sua individualidade; ao contrario, tanto que os elementos sociaes se socialisam, mais a sua individualidade accentua-se e desenvolve-se.

Quanto ás funcções cerebraes é que o organicismo valorosamente se empenhou, por ser talvez o ponto central de toda a controversia: de sua desigual comprehensão Spencer e Huxley partiram, em linhas parallelas, para chegar, um, á elaboração do individualismo, na fórmula do mais intransigente liberalismo, e o outro, ao regimen centralista e ao autoritarismo.

Primeiramente, não se vê o minimo traço de identidade: a relação de governante e governado é peculiar á acção inter-psychica entre os homens; por metaphora se diz que o cerebro governa; mas o predomínio do mesmo sobre o musculo exerce-se tão imperiosamente quanto o do frio, provocando perturbações internas.

Já Beaulieu havia ensinado :

«O absurdo de todas essas comparações physiologi-

cas, que não passam de engenhosas e vagas illustrações, salta aos olhos de todo o homem instruido. A materia cerebral diverge da do pé ou da mão; diferentes são os elementos; e a famosa substancia cinzenta, que lhe dá a capacidade directora e intellectual, diverge completamente da composição dos membros; ao contrario, as moleculas que formão o Estado concreto e dirigente não differem das outras moleculas sociaes.»

Que é, porém, o cerebro social? o Estado? o grupo de governantes? A dictadura scientifica de Comte? Ou será a engenhosa concepção de Novicow — a *élite* social?

Nada, porém, mais vago, impreciso e indeterminado do que semelhante *élite*: amorpha e inorganizada, absolutamente sem disciplina e sem regra commum.

Nitidamente circumscripto, hermeticamente fechado, é o cerebro o orgão mais *monasticamente* regulado; á proporção que a vida cerebral progride, o egoismo, o exclusivismo cerebral accentua-se em seu craneo irreductivel. De outra parte, quanto mais as *élites* sociaes se elevam, mais se fundem e assimilam-se a distancias, sempre crescentes e o seu patriotismo, que se fortifica, suavizando-se, despojando-se do odio aggressivo, concilia-se melhor com a grande sociedade internacional que as nações civilizadas entram a formar.

Se, pois, no individuo, o que ha de mais *ego-centrico* é o cerebro, emquanto que a *élite* social das diversas nações revela-se o que as nações têm de mais internacional, mais adaptavel ás federações do futuro, inilludivel conclusão se nos impõe: a differença é immensa, bastando para separar profundamente as sociedades dos organismos, aliás, sendo as analogias de ordem cerebral de precioso valor nessa theoria.

Nenhuma similitude regular se póde ainda estabelecer entre as molestias do corpo e as da sociedade.

No tocante ás sociedades, tudo que contradiz a um *systema* estabelecido, a uma crença, a um costume tradicional tende, propagando-se de homem a homem, a provocar uma crise social. Numa crise dessa ordem, o *microbio* seria, acaso, S. Paulo, Luthero ou outros lampadarios do genio humano. Ora, as desordens pathologicas que produzem-se constituem, em regra, os *lemmas* sociaes adoptados — convertendo-se, d'ess'arte, as nações ás idéas novas, mudando de *typo* scientifico ou politico sem morrer, no que se distinguem, formalmente, dos organismos.

A hygiene social, depois de lutar com os *microbios*, tentando eliminá-los, ou lhes vedar o accesso ao paiz, os acolhe, os cultiva amorosamente no corpo social —, cousa que a hygiene vital jamais fez, tendo por exclusivo escopo destruir, de vez, os malsinados *microbios* da enfermidade humana.

No pensar de Novicow, a *hypothese organica* se faz necessaria, afim de que a sociologia, perdendo o seu character empirico, se positive, se *methodise* scientificamente.

Redargue, porém, Steinmetz :

« Só temos precisão de verdadeiras *hypotheses* scientificas que nos auxiliem a explicar os *phenomenos* sociaes, a descobrir leis effectivas, isto é, agrupamentos reaes, generalisações de *phenomenos* regulares. Que é a sciencia? Descrição de factos e descoberta da regularidade desses factos, e nada mais : a *theoria organica* não nos dá nem leis, nem factos; substitue tudo isso por palavras, ôcas e vasias. Uma *hypothese*, que não é util, é falsa; ora, a formula organica, verdadeiro *pons asinorum*, em nada aproveita á sociologia, não deve, pois, subsistir. Quando se chamam os caminhos de ferro de tecidos inter-cellulares, qual a utilidade dessa comparação? Nenhuma: por ella, não comprehendemos melhor a funcção dos meios de comunicação. Se, em consequencia, essa falsa hypo-

these não produz a descoberta de lei alguma; se, justificáveis embora todas as suas comparações, só se teria uma bella formula, sem proveito e utilidade para a verdadeira sciencia; nessas condições, é de dizer-se com Laplace a Napoleão, a celebre confutação da idéa de Deus: « nós não temos necessidade dessa hypothese; toda a hypothese superflua deve ser abandonada ».

Eis, em resumo, a concepção de Tarde, em referencia ao arduo problema :

A *psychologia collectiva*, ou a *sociologia*, nada tem de mysteriosa, posto que bem diversa da *psychologia individual*. Não estuda os phenomenos do *eu* isolado, mas do *eu* em confronto com os outros.

O *inter-psychico* é susceptivel de accumular-se, contar-se, medir-se pela estatistica. Ha nelle quantidades muito mais nitidas que na *psychologia individual*; as relações numericas d'essas quantidades, dessas forças sociaes — convicções, paixões, ideas, necessidades populares — prestão-se, melhor que as quantidades *psychologicas* correspondentes, á applicação dos processos de observação e experiencia.

Os estados de consciencia, ainda os mais individuaes, nada seriam sem as relações *inter-psychicas* — o facto concreto está nessas relações.

A realidade social, substancia social, não são os organismos individuaes; corollas que perseveram em botões, virtualidades enclausuradas, durante todo o tempo, em que se isolam, só desabrocham sob a excitação prolongada de suas influencias mutuas, das permutas de crenças e desejos. Nada, portanto, mais natural ao organismo vivo que sahir de si mesmo, ultrapassar a sua propria essencia, ultrapassar, e não repetir-se, creando o organismo social.

A acção de uma pessoa sobre outra pessoa — eis

o facto social elementar, perpetuo e universal; trabalha a vida por favorecer esse encontro fecundo, esse maravilhoso desenvolvimento inter-mental; para elle convergem todos os movimentos de nosso corpo, todas as contracções musculares — como pequenos gravetos lançados na fogueira de nosso *eu* transfundidos em flammæ sociaes.

Nessa ordem de ideas comprehender-se-á a sociedade como um super-organismo. Ultrajal-a e desfigural-a tanto importa equalal-a ao que lhe é inferior, ao que deve subjugar e dominar, adaptando a seus fins proprios para que seja-lhe facultado preencher a sua missão na vida universal.

O caracter proprio, eminente, do laço social pelo qual destaca-se profundamente do vinculo mental, deriva da aptidão em formar agrupamentos susceptiveis de extender-se, sém limite, no tempo e no espaço. Ressalta a necessidade d' esse extranho auxiliar desde o mais baixo gráo de vida; poucas especies ha em que se não veja uma vaga tendencia á vida social, accusada até mesmo na monera, nos nucleos, nucleolas e protoplasmas, nos atomos e systemas planetarios.

Precisamente porque se sente, então, na impossibilidade de exalçar-se mais alto, por suas proprias forças, decide-se a vida a sahir de si mesma para cumprir o mais profundo voto do esforço universal — a socialização.

A sociedade, portanto, liberta e emancipa a vida, proporcionando-lhe esse indefinito surto; não é, sómente, a sua continuadôra; integra-a e eleva-a.

Miraglia, enquadrando o assumpto em termos ainda mais precisos, conclue :

«A sociedade é um organismo ethico que se desenvolve na Historia; ethico porque o todo e seus elemen-

« tos são sujeitos conscientes e livres, fins e meios re-  
« ciprocicos; desenvolve-se na Historia porque a sua vi-  
« da é a mesma evolução da natureza humana. Não é a  
« sociedade mero producto biologico, e psychologico,  
« não consistindo seus progressos tão sómente nas varia-  
« ções organicas e psychicas : producção ethico-juridica,  
« facto emergente e não resultante, o seu mover-se e pro-  
« gredir significa civilisação ou o predominio dos facto-  
« res espirituaes sobre os naturaes na realidade humana».

Não ha negar, porém, que a doutrina organicista, com o ser vaga e indeterminada, com o ser tambem perigosa por suas consequencias, de tal modo que Spencer já não lhe é partidario extremado, prestou, não obstante, serviços assignalados á sciencia, quaes o notavel auxilio aos naturalistas, e, no fundo do seu erro fundamental, a alma de verdade de ser o aggregado social uma realidade solida, um phenomeno natural por opposição ao apriorismo, dominante ainda em recente data, do contracto social e outras creações anti-scientificas quanto á origem, indole e comprehensão da sociedade.

Damos fim a este trabalho, colhido em seus traços geraes, nos *Annales de l'Institut International de Sociologie* (1898) publicados sob a a proficua direcção de René Worms.

Estudando, emtanto, o controvertido thema, tão enaltecido na sociologia moderna vemos que muitos outros aspectos subtrahem-se á nossa minguada percepção.

E' que nem a todos proporciona a fortuna o amavel encanto de que fala o jurista argentino Antonio Dellepiane :

« El viajero que explora una region desconocida llegado al final de su carrera trata de subir a una eminencia del terreno desde la cual sea posible abarcar de una ojeada el territorio, distinguir su esqueleto montañoso, dominar él sistema arterial de sus corrientes de agua ».

ESTEVAM LOBO.

